



## A REGULAÇÃO DO CORPO FEMININO NO CONTEMPORÂNEO

Letícia de Souza Nascimento<sup>1</sup>

Lorraine Cristhine da Silva Santos<sup>2</sup>

Camila Miranda de Amorim Resende<sup>3</sup>

### Resumo

O presente trabalho teve como objetivo investigar como ocorre o controle/regulação do corpo feminino no contemporâneo. Para tal, inicialmente abordou como se deu historicamente esse controle; e, em sequência, buscou analisar como as mídias sociais podem ser potencializadoras desse controle na atualidade. Como método, foi utilizado a revisão bibliográfica de livros e artigos a respeito da temática. Conclui-se que, mesmo com as conquistas feministas atuais no campo legislativo e na luta social, a regulação dos comportamentos, aparência e lugares de pertencimento do corpo feminino ainda prevalece por uma ótica muito mais difusa de controle.

**Palavras-chave:** Corpo feminino. Mídias Sociais. Controle. Regulação.

### Introdução

O corpo feminino carrega marcas deixadas especialmente pelo controle e/ou regulação que vem sofrendo historicamente. A Igreja, com seu papel moral e valores conservadores, impôs às mulheres como se vestir, como se comportar e as ensinou a não ceder aos pecados da carne através das confissões. Já o discurso científico, por sua vez, seguiu com estudos que trouxeram uma inferiorização para o corpo feminino com contribuições que anulavam os desejos e prazeres sexuais, reafirmando seu papel exclusivamente biológico. Por meio de muitas lutas ao longo dos anos, as mulheres conquistaram direitos e um lugar de voz. Porém, controle, submissão e violências continuam ocorrendo, o que demanda uma continuidade de lutas diárias. Partimos da hipótese de que, apesar dos avanços e conquistas, o controle e/ou

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia UGB-FERP

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Psicologia UGB-FERP

<sup>3</sup> Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ), Docente UGB-FERP



regulação sob o corpo feminino ainda persiste atualmente, sendo potencializado pelas mídias sociais. Diante disso, o trabalho pretendeu compreender como ocorre atualmente o controle e/ou regulação do corpo feminino na contemporaneidade e, para tal, buscou estudar historicamente a normatização do corpo feminino; e analisar como as mídias sociais podem ser potencializadoras do controle/regulação do corpo feminino.

### **Metodologia**

O estudo foi realizado a partir de revisão bibliográfica. Sendo desenvolvido a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

### **Resultados e Discussão**

O corpo feminino sempre foi atravessado historicamente por diversas regulações, imposições, desigualdades e desvalorizações. Segundo Foucault (1990), o corpo é a forma mais fácil de controlar as pessoas, tendo em vista que é um importante instrumento para o desenvolvimento das relações de poder. Rodrigues (1983) argumenta que a sociedade funciona a partir de uma atividade simbólica, por meio do que foi dito e do significado que se dá para essas experiências. Com isso, segundo o autor, foi sendo introjetado culturalmente e projetado nas sociedades ideais de comportamentos, de moralidade e de capacidade intelectual relacionados ao feminino. Ou seja, a construção social e cultural dita regras e normas do que se esperar do corpo feminino, um corpo historicamente considerado fraco e com necessidade de proteção. Essas ideias foram sendo cristalizadas e repassadas culturalmente e socialmente, de modo que o corpo feminino esteve à mercê da vida social a partir daquilo que era estabelecido e considerado aceitável. Para Rodrigues (1983, p.46): "ao corpo se aplicam, portanto, crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social e que, ao mesmo tempo, não são subordinados diretamente ao



corpo." Dessa maneira foi sendo feita uma apropriação do corpo feminino através das regras e saberes que delimitaram como as mulheres deveriam se apresentar, os lugares que deveriam frequentar, além de resumir sua função somente à reprodução e afazeres domésticos (COSTA,1996). Desde então, a expressividade do seu corpo foi capturada, sofrendo influência especial do discurso religioso e do discurso científico.

Além dos estigmas carregados historicamente, o corpo feminino traz também avanços e conquistas que foram garantidos, em especial, através dos movimentos feministas. Esses movimentos, presentes desde a década de 70, ganharam mais força no Brasil a partir da Constituição de 1988 que deu início à redemocratização de nosso país, rompendo com o regime militar autoritário e institucionalizando importantes direitos humanos (PIOVESAN, 2011). A partir destas mudanças a mulher se retira, aos poucos, do lugar privado, pacífico e passa a atuar de forma ativa em todas as áreas possíveis.

No contemporâneo, o corpo feminino é visto como emancipado e com direitos legais estabelecidos constitucionalmente, conquistado por meio de muitas lutas. Porém todos esses avanços não foram suficientes para romper com essa lógica de controle e/ou regulação, tendo em vista que o feminismo branco e liberal não engloba todos os corpos femininos. De acordo com Vergès:

Esta vertente reforça o processo de exploração-dominação-opressão das mulheres colonizadas quando constrói uma perspectiva política travestida de um projeto de emancipação feminina, criado à luz de uma concepção pouco inclusiva de emancipação das mulheres. (VERGÈS, 2019, p. 1)

Silveira (2004) salienta o fato das mídias sociais acabarem por tomar e exercer o lugar de regulação e controle social. Instituído um sistema de sustentação constante em produzir capital através do feminino, conforme diz Goldenberg (2007), as mídias sociais colocam o corpo feminino no lugar de alvo de investimentos de tempo e de dinheiro. A partir disso se instaura uma lógica de exercer capital através desse corpo que é constantemente modificado para atingir a um padrão estético, o que também diz muito sobre a comunicação de uma autoestima que pode ser comprada.



Do mesmo modo que as lutas femininas foram se aprimorando e ganhando espaço, o poder e o controle também se aprimoraram e, ao contrário de perderem espaço no meio social, foram incorporados aos meios de comunicações, como as mídias sociais.

Fischer (2001) destaca o protagonismo do corpo feminino nos meios de comunicação partindo dessa lógica de inferioridade e da exposição de suas intimidades, reforçando o lugar de um sujeito que precisa ser cuidado e educado através de normas e procedimentos.

Podemos considerar que estamos, com a internet, diante de um novo modo de controle que pode estar em todos os lugares. De acordo com o Deleuze (1992), diferente da sociedade disciplinar, a sociedade de controle não necessita de um espaço físico para exercer sua função, pois nela esse poder é abstrato e rompe com barreiras físicas. Dessa maneira o controle é dissolvido na sociedade e nos coloca em uma prisão a céu aberto, de modo que as ferramentas utilizadas, como Instagram e Facebook, acompanham esse modelo. Dessa maneira, se mantém e se reforça a ideia de que o corpo feminino tem funções específicas e se garante que ele sempre tenha de responder de um lugar estabelecido socialmente, voltando assim para uma lógica conservadora, onde esse corpo precisa ser mais reservado, contido e ocupar lugares privados.

### **Considerações Finais**

Procuramos na pesquisa destacar a grande influência das mídias sociais no controle e/ou regulação do corpo feminino, mostrando o quanto as mídias o torna exposto e refém dessa lógica, levando mulheres a terem que continuar atendendo a padrões de comportamentos, respondendo ao público sobre decisões relacionadas ao seu corpo. Podemos, assim, compreender que o corpo feminino continua sendo controlado e tutelado, porém de um modo mais difuso e, dessa maneira, continua cumprindo regras e costumes que são impostos através das mídias sociais e da sociedade.



### Referências

COSTA, Augusto Flamaryon Cecchin Bozz. Corpo e Discurso: a noção de biopoder em Michel Foucault. **Panorâmica (UFMT Pontal do Araguaia)**, v. 12, p. 78-88, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Pos-scriptum sobre as sociedades de controle**. In: DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

FISCHER, Rosa. **Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV**. RS: UFRGS, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/4tZBgz3WNxbf5dX4qdyKQJJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 de junho de 2023.

MEDEIROS, Gilmara Joane Macedo de. **“Por um feminismo decolonial: a leitura antipatriarcal, anticapitalista, antirracista de Françoise Vergès”**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 2, e74626, 2021.

ONU MULHERES; CEPIA – **Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação. O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [https://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom\\_onu/pdfs/progresso.pdf](https://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf). Acesso em: 20 de abril de 2023.

RODRIGUES, José Carlos. **Corpo ou Corpos**. In: RODRIGUES, José Carlos. Tabu do Corpo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1983.

SILVEIRA, Marcelo. Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 4, p. 42-51, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TwtP4fS3hfWVmx9HptM7pLn/abstract/?lang=pt.>>. Acesso em: 5 de maio de 2023.